

Márcia Lemos

(Assistente de Investigação do Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente III”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Lemos, Márcia, "Da Impossibilidade de Viver Sem Ilhas: Uma reflexão sobre os neo-humanos de Michel Houellebecq", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 10 (2009). ISSN 1645-958X.
<<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

As nossas noites já não vibram de terror nem de êxtase; mas vamos vivendo, atravessamos a vida, sem alegrias nem mistérios, o tempo parece-nos breve.

Michel Houellebecq

Le postulat principal de *La Possibilité d'une île* est le suivant: voilà, nous ne serons plus humains le jour où nous ne ressentirons plus de désespoir pour rien.

Méhdí Clément

The island. A last effort. The islet. The shore facing the open sea is jagged with creeks. One could live there, perhaps happy, if life was a possible thing, but nobody lives there.

Samuel Beckett

Em *A Possibilidade de Uma Ilha*, Michel Houellebecq transporta-nos até ao Quarto Milénio para nos dar a conhecer a sua comunidade de neo-humanos. Com efeito, depois de uma série de catástrofes naturais e humanas – maremotos, secas extremas, epidemias, guerras étnicas e religiosas – que conduzem a humanidade, ou o que dela resta, a uma era de violência e de privação sem precedentes, um novo planeta Terra emerge, sem o azul do mar que entretanto desapareceu (38).¹

No entanto, “comunidade” talvez não seja a palavra mais indicada para descrever uma rede de indivíduos que, habitando – na mais profunda solidão, sem quaisquer laços familiares ou de amizade – um novo mundo em que a “sociabilidade pass[ou definitivamente] de moda” (343), está longe de formar uma comunidade, na acepção tradicional da palavra. E se para a Irmã Suprema,² guia providente e espiritual desta nova humanidade, a existência dos neo-humanos é infinitamente mais sábia na sua capacidade de contornar a “dor de ser” (306), para muitos neo-humanos, que a pouco e pouco vão despertando do entorpecimento das suas vidas, esta não é mais do que a existência vazia de um “macaco aperfeiçoado” (393).

À semelhança dos vegetais, os neo-humanos são dotados de um sistema fotossintético que lhes permite sobreviver em condições muito adversas através do consumo de alguns comprimidos de sais minerais. Esta “rectificação genética standard” (303) dita, entre outras coisas, o desaparecimento dos aparelhos digestivo e excretor. Tal como não experimentam os prazeres da sexualidade, os neo-humanos também não conhecem os deleites da comida, um elemento de extrema importância para as sociedades humanas e profundamente simbólico na tradição literária utópica, como observa Vita Fortunati:

Food is an essential aspect of the semiotics of the utopian novel and the eating of one food rather than another acquires a moral meaning. Thus, in Utopia, for example, whereas the

eating of meat (impure food) needs some justification, not so the consumption of milk and wheat, which are natural foods, linked to nature's cycles, and thus pure and healthy foods, therefore recommended for longevity. (Fortunati 2000: 267)

Contrariando uma tradição Rabelaisiana de exaltação do excesso, manifesta, entre outros aspectos, no desregramento do riso e dos hábitos alimentares e excretórios, a existência dos neo-humanos é, em todos os sentidos, asséptica e controlada, confrontando-os com um estado de perene *liminaridade*: a imobilidade e o isolamento de um estado vegetal combinados com todas as faculdades mentais de um ser humano.

É este conflito que vivem Daniel 24 e Daniel 25, clones de Daniel 1, um humano nosso contemporâneo e primeiro numa linhagem de vários sucessores neo-humanos. Ao combinar a “narrativa de vida” deste Daniel originário com os testemunhos de duas das suas encarnações posteriores, o texto de Houellebecq sublinha a esterilidade das vivências neo-humanas, em contraste com uma sociedade humana que permanece vibrante, apesar de todas as suas falhas e desconcertos, e ilustra, de forma exemplar, a definição de “distopia” explanada por Alexandra Aldridge em *The Scientific World View In Dystopia*: “If utopia has a plus sign, dystopia has a minus sign in the same area – that is, the presentation of a *non*-ideal outweighs the attack on contemporary trends” (Aldridge 1984: 6). E, se é verdade que os erros civilizacionais da humanidade ditaram em larga medida a forma e o sentido desta nova humanidade, não é menos verdade que os hábitos e a filosofia de vida dos neo-humanos confrontam o leitor (humano) com um cenário futuro profundamente distópico no qual “as práticas e as tendências negativas da realidade, desenvolvidas e ampliadas, servem de base à edificação de um mundo grotesco” (Berriel 2005: 103, minha tradução³). É por conseguinte legítimo que este mesmo leitor se questione sobre a validade e a sustentabilidade de se suprir a “dor de ser”, mais adiante descrita pela Irmã Suprema, pela total ausência de ser e de sentir:

De acordo com a Irmã Suprema, o ciúme e a vontade de procriar têm a mesma origem, que é a dor de ser. É a dor de ser que nos leva a procurar o outro, como um paliativo; temos de ultrapassar esta fase a fim de atingir o estado em que o simples facto de ser constitui em si mesmo um permanente motivo de alegria; em que a intermediação passa a ser apenas um jogo, livremente aceite, não constitutivo de ser. Numa palavra, devemos alcançar a liberdade de indiferença, condição de possibilidade da serenidade perfeita. (306)

O que a Irmã Suprema parece ignorar é que o traço distintivo da humanidade reside precisamente na capacidade e na necessidade de cada indivíduo se conhecer através do seu relacionamento com o Outro,⁴ em sociedade. Ao rejeitar a presença do Outro, os neo-humanos rejeitam também aquilo que é a essência da humanidade, inaugurando assim uma era pós-humana em que todas as emoções intrinsecamente humanas, traduzidas em manifestações universais como o riso e as lágrimas, são esquecidas:

Assim como o riso é justamente considerado por Daniel 1 sintomático da crueldade humana, as lágrimas surgem, nesta espécie, associadas à compaixão. Ninguém chora unicamente por si mesmo, observa, algures, um autor humano anónimo. Estes dois sentimentos, a crueldade e a compaixão, não têm obviamente muito sentido nas condições de absoluta solidão em que se desenvolvem as nossas vidas. (53)

Os neo-humanos são incapazes de rir ou de chorar. Tal como acontece com Molloy, protagonista de um dos romances de Samuel Beckett, as lágrimas e o riso constituem para os neo-humanos uma espécie de língua estrangeira (*Molloy* 32), indecifrável, evocada apenas pelas narrativas de vida dos humanos que lhes emprestaram o ADN, a arca de Noé do futuro.

De resto, a visão claramente pessimista de humanos e neo-humanos sublinhada no romance de Houellebecq apresenta diversos pontos de contacto com o discurso profundamente descrente de muitas personagens Beckettianas (como Moran, Molloy, Malone, Hamm, Clov, Nagg, para citar apenas algumas) que desejam ardentemente, mais do que deixar de ser, nunca ter sido: “Birth was the dead of him” (*A Piece of Monologue* 453). Neste contexto, os pais são entendidos como responsáveis por uma existência que se abomina e os filhos como um legado que se procura a todo o custo evitar:

Hamm Scoundrel! Why did you engender me?
Nagg I didn't know.
Hamm What? What didn't you know?

Nagg That it'd be you.
[...]
Nagg It's natural. After all I'm your father. It's true if it hadn't been me it would have been someone else. But that's no excuse. (*Endgame* 126, 132)

Henry What turned her against me do you think, the child I suppose, horrid little creature, wish to God we'd never had her. [...]

It was not enough to drag her into the world, now she must play the piano.
(*Embers* 201, 204)

He was clumsy, stupid, slow, dirty, untruthful, deceitful, prodigal, unfilial, but he did not abandon me. (*Molloy* 152)

A narrativa de vida de Daniel 1, que se reporta também ela ao século XX, dá conta de um semelhante sentimento face à paternidade e à maternidade. O Movimento “Child-Free” e o seu slogan “JUST SAY NO. USE CONDOMS” (325) são disso mesmo evidência. Todavia, esta tentativa de coarctar os laços familiares e a insistência numa vivência frenética do dia-a-dia que substitui o clássico e sereno *Carpe Diem* não parecem conduzir os humanos, nem os neo-humanos seus sucessores, a um caminho de maior felicidade. De facto, se os primeiros criam as forças que os levarão à sua quase extinção,⁵ os segundos estão longe de representar uma sociedade melhor, mais justa e mais feliz.

Pelo contrário, a solidão e o isolamento dos neo-humanos, que comunicam apenas por endereços numéricos num sistema muito semelhante à Internet (117), combinados com a inexistência de qualquer forma de expressão artística explicam a aparente indiferença de Daniel 24 quando reconhece que a sua energia vital está prestes a extinguir-se: “Não sinto mais do que uma ligeira tristeza” (139). E, de imediato, o seu pensamento volta-se para Fox: “A minha encarnação actual degrada-se; não creio que possa prolongar-se por muito tempo. Sei que na minha próxima encarnação voltarei a encontrar o meu companheiro, o cachorro Fox” (11). Curiosamente, Fox nunca resiste muito tempo ao desaparecimento do neo-humano com quem vive desde o seu “nascimento”.⁶ Quando Daniel 24 se extingue, é substituído por Daniel 25, que partilha o seu ADN e o seu aspecto físico. Contudo, apesar de todas as semelhanças, Fox pressente que não se trata do mesmo indivíduo e morre pouco tempo depois, sendo também ele substituído por um novo clone. A lealdade de Fox é sempre dedicada a um neo-humano que ele reconhece como único e insubstituível. Na verdade, no contexto desta nova humanidade, o cão parece ser o único a reconhecer a impossibilidade de se substituir um ser (neo) humano mesmo que por um duplo em tudo semelhante. Esta sensibilidade especial de Fox justifica, de resto, as reflexões de Daniel 24: “A bondade, a compaixão, a fidelidade, o altruísmo permanecem, pois, perto de nós como mistérios impenetráveis, embora contidos no espaço limitado corporal de um cão” (67).

A crescer ao completo isolamento, ao extremo rigor e à frugalidade da dieta alimentar, e à total ausência de formas de expressão artística, o desaparecimento do mar também se constitui como um factor profundamente distópico porque com ele desaparece a possibilidade de existirem ilhas, lugares, por excelência, da utopia, como observa Adriana Corrado:

As the Island is detached from the rest of the world, yet accessible, limited and circumscribed, but self-sufficient, thus a precise geographical place full of symbolic values, it is the ideal place where to find the lost happiness, the Earthly Paradise or Eldorado, but also a land of wise men inspired by Reason. These men have replaced a Christian aspiration and faith in eternal happiness with the ideal of a possible justice. (Corrado 2000: 317)

Embora circulem rumores de que o mar ainda existe junto a Lanzarote – curiosamente, em tempos uma ilha –, nenhum neo-humano o pode comprovar a menos que abandone a sua casa e a rede de apoio vital, representada pela Irmã Suprema, que garante a sua sobrevivência, tornando-se assim um desertor. Perante a aparente inexistência de ilhas geograficamente delimitadas, nesta nova civilização são os indivíduos que se constituem como um arquipélago de ilhas, todas elas desconhecidas, voltadas sobre si próprias, com não mais do que ténues ligações entre si. E, ao contrário do que acontece no *Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, não parece haver barco que consiga superar o abismo que separa cada uma destas ilhas desconhecidas, para com esse movimento as mapear, as tornar visíveis:

[...] E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou [...],

Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas [...]. (Saramago 1997: 12)

Inspirado pela narrativa de vida de Daniel 1, Daniel 25 questiona a validade da sua existência de “homem-ilha”, marcada pela solidão, a paralisia e a esterilidade. Uma existência que, aliás, não é mais do que uma eterna e rotineira espera pela sua substituição. Em vez de cumprir o efeito esperado, a leitura da narrativa de vida de Daniel 1 não provoca no neo-humano nenhum repúdio, mas sim uma leve centelha de inveja e o desejo latente de experimentar algumas das sensações descritas. Num gesto suicida de abraço à vida, Daniel 25, à semelhança de outros desertores neo-humanos, parte com Fox rumo a Lanzarote, promessa de um reencontro com o mar. No caminho encontra-se com os selvagens, descendentes dos antigos humanos, que dão mostras de crueldade ao matar Fox. Sozinho, Daniel 25 imita a Ilha Desconhecida do conto de Saramago e, embora sem barco, “[f]az-se enfim ao mar, à procura de si mesm[o]” (Saramago 1997: 35).

Referências Bibliográficas

- Aldridge, Alexandra (1984) [1978], *The Scientific World View In Dystopia*, Michigan, UMI Research Press.
- Beckett, Samuel (2006) [1955], *Molloy*, in *Samuel Beckett. The Grove Centenary Edition*, ed. Paul Auster, New York, Grove Press, vol. II.
- - (2006) [1958], *Endgame*, in *Samuel Beckett. The Grove Centenary Edition*, ed. Paul Auster, New York, Grove Press, vol. III.
- - (2006) [1959], *Embers*, in *Samuel Beckett. The Grove Centenary Edition*, ed. Paul Auster, New York, Grove Press, vol. III.
- - (2006) [1981], *A Piece of Monologue*, in *Samuel Beckett. The Grove Centenary Edition*, ed. Paul Auster, New York, Grove Press, vol. III.
- Berriel, Carlos Eduardo Ornelas (2005), “Brief Notes on Utopia, Dystopia and History” in *Utopia Matters – Theory, Politics, Literature and the Arts*, eds. Fátima Vieira e Marinela Freitas, Porto, Editora da Universidade do Porto.
- Clément, Mehdi (2005), “La Possibilité d'une île - Rentrée 2005”, in *lelitteraire.com*, mercredi 7 septembre, URL: <http://www.lelitteraire.com/article1857.html>, página visitada a 5 de Novembro de 2009.
- Corrado, Adriana (2000), “Island” in *Dictionary of Literary Utopias*, eds. Raymond Trousson and Vita Fortunati, Paris, Honoré Champion Éditeur, 315-317.
- Fortunati, Vita (2000), “Health” in *Dictionary of Literary Utopias*, eds. Raymond Trousson and Vita Fortunati, Paris, Honoré Champion Éditeur, 266-269.
- Houellebecq, Michel (2006), *A Possibilidade de Uma Ilha*, trad. Isabel St. Aubyn, Lisboa, Dom Quixote.
- Saramago, José (1997), *O Conto da Ilha Desconhecida*, Lisboa, Assírio & Alvim.

¹ As citações de *A Possibilidade de Uma Ilha* surgem identificadas ao longo deste texto através do número da página em que se encontram. Para aceder à referência completa cf. bibliografia.

² Embora a Irmã Suprema não seja, à partida, apresentada como uma entidade repressiva ou como o símbolo de um estado controlador, a verdade é que ela não deixa de se inscrever numa tradição distópica de figuras profundamente castradoras como, por exemplo, o *Big Brother* de George Orwell, em *Nineteen Eighty-Four* (1948, UK), ou o Benfeitor de Zamyatin, em *We* (1921, URSS).

³ A citação original é a seguinte: “[I]n dystopia not only is reality assumed the way it is, but also its negative practices and tendencies, developed and enlarged, provide the material for the edification of the structure of a grotesque world (Berriel 2005:103)”.

⁴ Sobre este assunto cf. *Entre nous: essais sur le penser-à-l'autre* de Emmanuel Lévinas (Paris, Grasset, 1991).

⁵ No Quarto Milénio restam apenas alguns “humanos”, descendentes dos antigos, que são descritos como selvagens pelos neo-humanos.

⁶ Os animais de estimação também são clonados, pelo que não existe um nascimento, na acepção tradicional da palavra, mas sim uma recriação em laboratório.